

Êxodo rural seletivo das mulheres do bairro rural Mandassaia e sucessão geracional

Selective Rural Exodus of Women from the Rural Neighborhood of Mandassaia and Generational Succession

Éxodo rural selectivo de las mujeres del barrio rural Mandassaia y sucesión generacional

Júlia Mendes Cruz - mecruz1000@gmail.com
Graduada em Geografia pela Universidade Federal de Alfenas
Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-5555-872X>

Ana Rute do Vale – ana.vale@unifal-mg.edu.br
Professora da Universidade Federal de Alfenas
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3921-165X>

Resumo

Embora tenha sido pouco estudado no Brasil, o êxodo rural seletivo das mulheres é um fenômeno que vem se acentuando, uma vez que, quando jovens, elas buscam na cidade a continuidade dos estudos e, sobretudo um emprego que lhes permita acessar a independência econômica, longe do domínio masculino familiar. Esse é o caso de muitas jovens do bairro rural Mandassaia, que migraram para a sede de seu município, Alfenas-MG. isso traz preocupação com relação à sucessão geracional e, conseqüentemente, ao futuro da comunidade. Sendo assim, esse trabalho teve como objetivo compreender os motivos que levaram as mulheres do Mandassaia a migrar para a cidade de Alfenas e analisar se esse processo representa uma ameaça à sucessão geracional. Para isso, além da fundamentação teórica, foram realizadas entrevistas com mulheres que deixaram o bairro ainda jovens para viver na cidade. Os resultados indicam que, embora mantenham vínculos com o Mandassaia, essas mulheres não desejam retornar à zona rural. Em sua maioria, acreditam que a população jovem tende a continuar migrando para áreas urbanas, sem perspectivas de permanecer na agricultura, sobretudo as moças.

Palavras-chave: agricultura familiar; mulheres rurais; migração; mercado de trabalho urbano; independência econômica.

Abstract

Although it has been little studied in Brazil, the selective rural exodus of women is a phenomenon that is intensifying; as young women, they seek to continue their education in the city and, above all, find employment that grants them economic independence, away from male-dominated family structures. This is the case for many young women from the rural neighborhood of Mandassaia who migrated to the municipal seat of Alfenas, Minas Gerais. This trend raises concerns regarding generational succession and, consequently, the future of the community. Thus, this study aimed to understand the reasons why women from Mandassaia migrated to the city of Alfenas and to analyze whether this process poses a threat to generational succession. To this end, in addition to a theoretical review, interviews were conducted with women who had left the neighborhood at a young age to live in the city. The results indicate that, although they maintain ties to Mandassaia, these women do not wish to return to the rural area. Most believe that the young population—especially young women—will continue to migrate to urban areas, with no prospect of remaining in agriculture.

Key words: family farming; rural women; migration; urban labor market; economic independence.



Resumen

Aunque ha sido poco estudiado en Brasil, el éxodo rural selectivo de las mujeres es un fenómeno que se está acentuando, ya que, al llegar a la juventud, buscan en la ciudad continuar sus estudios y, sobre todo, obtener un empleo que les permita alcanzar la independencia económica, lejos del dominio masculino familiar. Este es el caso de muchas jóvenes de la localidad rural de Mandassaia, que emigraron a la cabecera municipal de Alfenas (Minas Gerais). Esta situación genera preocupación respecto al relevo generacional y, en consecuencia, al futuro de la comunidad. Por ello, este trabajo tuvo como objetivo comprender los motivos que llevaron a las mujeres de Mandassaia a emigrar a la ciudad de Alfenas y analizar si dicho proceso representa una amenaza para el relevo generacional. Para ello, además de la fundamentación teórica, se realizaron entrevistas a mujeres que abandonaron la localidad siendo jóvenes para vivir en la ciudad. Los resultados indican que, si bien mantienen vínculos con Mandassaia, estas mujeres no desean regresar a la zona rural. En su mayoría, consideran que la población joven seguirá emigrando a las áreas urbanas sin perspectivas de permanecer en la agricultura, especialmente las mujeres jóvenes.

Palabras clave: agricultura familiar; mujeres rurales; migración; mercado laboral urbano; independencia económica

Recebido em: 27/12/2025
Aceito para publicação: 13/10/2026

Introdução

O município de Alfenas não foge à regra da maioria dos municípios da mesorregião Sul/Sudoeste de Minas, nos quais a população urbana ultrapassou a rural, sobretudo, após a década de 1960, tanto em decorrência da inundações de boa parte de suas terras do espaço rural pelo reservatório da usina hidrelétrica Furnas, quanto pela modernização agrícola, implantada na cafeicultura pós-década de 1970, e os consequentes desemprego rural e concentração fundiária. Dessa forma, houve um aumento no nível de urbanização do município, que saltou de 64%, em 1960, para 95%, 2022. Atualmente (2026), o agronegócio do café congrega pequenos, médios e grandes produtores e gera emprego sazonal (colheita), nas áreas onde o relevo não permite a mecanização.

Parte dessa população rural reduzida vive no bairro Mandassaia, situado, às margens do Lago de Furnas, que transformou socioeconomicamente o cotidiano dessas pessoas, tornando-o isolado, com relação à sede do município, contribuiu para a migração rural-urbana, em especial, as mulheres jovens da agricultura familiar cafeicultora, predominante no bairro.

Nesses estabelecimentos rurais, existem uma divisão sexual do trabalho, onde cabe às mulheres a tripla jornada de trabalho: casa (afazeres domésticos, cuidados com as crianças e os idosos), quintal (horta e criação de pequenos animais) e (atividades agrícolas). O trabalho feminino é invisibilizado, porque é reprodutivo, ou seja, não produtor de mercadorias. Aos homens, por outro, basta o trabalho agrícola e o controle dos membros da família, validado pelo patriarcado, presente no campo e na cidade brasileiros. Tal realidade, pode levar o espaço rural a torna-se, cada vez mais masculinizado e envelhecido, comprometendo a sucessão familiar.

Partindo desse ponto, esse trabalho teve como objetivo compreender os motivos pelos quais as mulheres decidiram migrar do bairro rural Mandassaia para a sede do município de Alfenas, quando jovens e de que forma isso poderá representar uma ameaça à sucessão geracional na agricultura familiar.

Trata-se de uma abordagem qualitativa, com base em revisão bibliográfica referente temática (juventude rural, êxodo rural seletivo e sucessão geracional),

levantamento de dados secundários e primários, a partir das entrevistas, realizadas com 6 mulheres, com idades entre 25 e 72 anos de idade que migraram do bairro Mandassaia para a sede do município de Alfenas, quando jovens, sendo a maioria originária da agricultura familiar e apenas uma filha de trabalhador rural em uma fazenda do bairro observação de campo.

Ressalta-se que esse trabalho é resultado do Trabalho de Conclusão do Curso de Geografia Licenciatura da UNIFAL-MG, desenvolvido em 2025, pela primeira autora do presente trabalho, orientada pela segunda.

Juventude e êxodo rural seletivo: a não garantia da sucessão geracional

De acordo com dados do IBGE e da Organização das Nações Unidas (ONU) a população jovem (15 a 29 anos) tem apresentado uma diminuição contínua na sua participação relativa na população brasileira, passando de 28,2%, em 2000, para 25,44%, em 2015, devendo alcançar 21,0% em 2030 e 16,24% em 2060.

Após manter-se por quase duas décadas com pouco mais de 50 milhões de jovens de 15 a 29 anos de idade, em níveis sem precedentes na história do país, o Brasil verá sua população nessa faixa etária voltar para baixo desse patamar a partir de 2021. O contingente jovem do país deve perder mais de um quarto de seu tamanho nos próximos 40 anos segundo as projeções do IBGE e pode chegar ao fim do século reduzido quase à metade de sua magnitude atual de acordo com a projeção média da ONU (Neri e Hecksher, 2021, p. 3).

Com relação à composição por sexo, as mulheres são maioria na população brasileira, mas essa predominância não se observa entre crianças, nem entre jovens. Em 2019, havia 50,4 milhões de jovens de 15 a 29 anos no Brasil: 25,4 milhões eram homens (50,4% do total) e 25 milhões eram mulheres (49,6% do total). No entanto, os dados indicam uma transição gradual: a maioria masculina diminui com o avanço da idade e se converte em leve maioria feminina no grupo mais velho. Assim, entre de 15 a 19 anos, os homens eram 8,2 milhões (50,9%) e as mulheres 7,9 milhões (49,1%); entre 20 a 24 anos, os homens aumentam para 8,7 milhões (50,5%) e as mulheres para 8,6 milhões (49,5%) e; entre 24 a 29 anos, as mulheres passam a ser maioria, com 8,52 milhões (50,1%), enquanto os homens diminuem para 8,49 milhões (49,9%) (Neri e Hecksher, 2021).

As diversas percepções do que é ser jovem mudam de acordo com os lugares por onde passam e com as posições sociais que ocupam. Ao serem socializados por meio do trabalho, rapidamente, as crianças “passam à condição de adultos” (Tavares dos Santos, 1984, p. 46, apud Siqueira, 2004). O Atlas das Juventudes (2021), adverte, no entanto que, embora cada jovem brasileiro, em sua realidade, passa pela transição entre a infância e a vida adulta, construindo sua independência, seus direitos são constantemente violados. Situações de exclusão, violência e desafios que dificultam o seu desenvolvimento.

É notável que a construção social da identidade jovem depende de fatores históricos, sociais, culturais, e não simplesmente baseados em segmentação. “Nesse sentido, não se poderia falar de juventude, mas juventudes no plural, devendo-se considerar as diferenças de gênero, raça, local de moradia, as disparidades regionais e as relações campo-cidade” (Paulo, 2010, p. 344).

Sobre o local de moradia, tem-se aqui, mais especificamente, o jovem que reside no espaço rural que, segundo Weisheimer (2021), é invisibilizado nos debates sobre juventude. Nesse contexto, os baixos investimentos em políticas de permanência no campo voltadas para os jovens favorecem o êxodo rural, gerando o envelhecimento da população do campo e podendo impactar, negativamente, a produção agrícola e o desenvolvimento rural do país, sobretudo, na agricultura familiar.

Carneiro (1998) acredita que os jovens rurais preenchem um vazio estatístico composto pelos que ainda não entraram na vida ativa, na espera da maioria para se tornarem visíveis à sociedade. Além disso, para a autora, ser jovem corresponde também a uma autorrepresentação que tende a uma grande elasticidade em termos etários, condizente às barreiras sucessivas na entrada no mercado de trabalho e a sua informalização desmedida no país. Ter um projeto para o futuro junto de planejamentos com níveis diferentes de expectativas seria o que apontaria um sujeito como jovem.

De acordo com Durston (1994, apud Siqueira, 2004, p. 15), é imprescindível levar em consideração quatro fatores para se compreender a juventude rural: 1) a indagação sobre se há de fato uma juventude rural, de modo que “questiona-se sua existência na literatura sociológica latino-americana, pelo

fato de as exigências da vida agrícola e da pobreza obrigarem a maioria da população rural a assumir responsabilidades adultas muito cedo, inclusive a partir da meninice”; 2) a importância de não se considerar todos os jovens rurais como agricultores; 3) a importância de compreender as visões dos jovens em relação ao futuro e; 4) o respeito à experiência e habilidade da juventude rural. Oferecer um papel de protagonismo na ampliação do rural pode ser o “pontapé” que vários jovens precisam para não deixarem a agricultura. Acrescenta, ainda, que a juventude é ignorada por grande parte dos programas de luta contra a pobreza rural e das organizações que abordam o assunto nas cidades (Durstun, 1999, apud Siqueira, 2004).

No entanto, Santos (2017, p. 44-45) lembra que: “Não se pode afirmar que a juventude rural de hoje possui semelhanças com a juventude do campo de 10 anos atrás. Os envolvimento com a globalização e a tecnologia moderna têm transformado as sociedades”. E com a juventude não seria diferente.

cujas passagens da juventude para vida adulta, se caracteriza pela formação de uma nova unidade produtiva, ou seja, com o casamento, porque um homem jovem dificilmente teria a capacidade de ter sua própria e administrá-la sozinho. Entende-se que ele precisa de uma esposa, pois ela será fundamental na divisão social do trabalho no meio rural (Ferreira e Alves, 2009).

No processo de socialização profissional, há uma criação assimétrica entre homens e mulheres, as quais normalmente são deixadas de fora da atividade agrícola principal, sendo-lhes oferecidas atividades conhecidas como “domésticas”. Estas, mesmo que incluídas na produção para o autoconsumo, são caracterizadas como tarefas de limpeza, cozinhar, criação dos filhos pequenos, cultivar a horta e cuidar do quintal. Seu desempenho nessas atividades não é considerado como trabalho (Brumer e Anjos, 2008).

Nesse sentido, na agricultura familiar, as circunstâncias da vida e trabalho das mulheres são mais inseguras do que as dos homens. Além do não reconhecimento do trabalho doméstico e das demais atividades produtivas desenvolvidas por elas na unidade de produção, quando exercem atividades assalariadas, muitas vezes são forçadas a trabalhar sem nenhum vínculo empregatício, em tarefas degradantes, com salários miseráveis (Siqueira, 2004).

Nessa problemática, inclui também a questão da herança da terra, que é diferente entre filhas e filhos. Em alguns casos, a herança feminina da terra, principalmente se for acompanhada de sua partilha, denuncia a falta de relevância da posse da terra para a reprodução familiar (Brumer e Anjos, 2008). O filho mais novo é escolhido como provável herdeiro, na maioria das vezes, por também contribuir no prolongamento da autoridade paterna na propriedade (Castro, 2013). Essa situação torna-se cada vez mais comum com o aumento da expectativa de vida no país. Além disso, com o prolongamento da autoridade, a situação de subalternidade do herdeiro em relação ao pai também é prolongada, ou seja, apenas com a morte do pai, os filhos terão acesso à terra. No caso das mulheres, em situações de inexistência de herdeiros homens, aquelas que herdaram a terra seriam as “mediadoras entre seu pai e o sucessor, isto é, seu marido” (Carneiro, 1998, p. 111).

Diante de tal situação, há uma tendência dessas jovens migrarem para a cidade, ou seja existe um êxodo rural feminino na agricultura familiar. Brumer e Anjos (2005) argumentam que tendem a migrar aqueles que não encontram, no campo, condições adequadas para seu desenvolvimento social e econômico. Nesse contexto, as mulheres, historicamente, enfrentam restrições no acesso à herança da terra, em razão da desvalorização de seu trabalho no âmbito agrícola. Por outro lado, quando as mulheres que não dispõem da possibilidade ou da escolha de migrar, podem encontrar na agricultura uma alternativa de subsistência, especialmente diante das limitações de acesso à escolarização e a outros mercados de trabalho, permanecendo no campo, ainda que vinculadas a atividades extremamente penosas, com baixo ou quase inexistente retorno financeiro, muitas vezes restrito ao atendimento das necessidades alimentares básicas (Brumer e Anjos, 2005).

É importante ressaltar que o fluxo migratório de mulheres do campo para a cidade é, historicamente, expressivo e decorre, principalmente, dos seguintes fatores:

- a) resolver a questão socioeconômica, pela falta de oportunidades de emprego ou ocupações mal remuneradas no campo, e por terem menor chance de encontrar trabalho do que os homens; b) poder ter acesso à educação. Possuem baixo nível de instrução pela dificuldade de acesso à escola geralmente atribuída às longas distâncias e à ineficiência das escolas rurais (que funcionam como escolas isoladas, com uma

professora para quatro turmas); c) conquistar a independência econômica e social de suas famílias de origem, principalmente as solteiras, viúvas ou separadas; d) alcançar mobilidade social na cidade, melhorar de vida, conseguir um bom emprego; e) ter acesso a serviços básicos, principalmente atendimento à saúde; f) experimentar diferentes sensações na cidade: passear, divertir-se, ir a festas, conhecer pessoas, sair com as amigas, aprender coisas novas; g) ir atrás da rede familiar, ou seja, a maioria dos membros da família já se encontram na cidade e motivam a emigração (Lisboa, 2006, p. 158).

Dessa forma, a migração das mulheres do campo para a cidade “pode não se explicar somente por uma maior oferta de empregos para mulheres na cidade, ou por sua maior escolaridade, mas por uma negação da condição de vida da mãe de família, esposa de agricultor”. Assim, o êxodo rural feminino relaciona-se à busca por independência pessoal e financeira, reconhecimento social e autonomia (Nobre, 1998, p. 8).

O bairro rural Mandassaia no município de Alfenas

Alfenas é um município localizado na mesorregião Sul/Sudoeste de Minas e é parte da microrregião homônima (Mapa 1), com área territorial é de 850,446 km² e formado pelo distrito-sede e o de Barranco Alto.

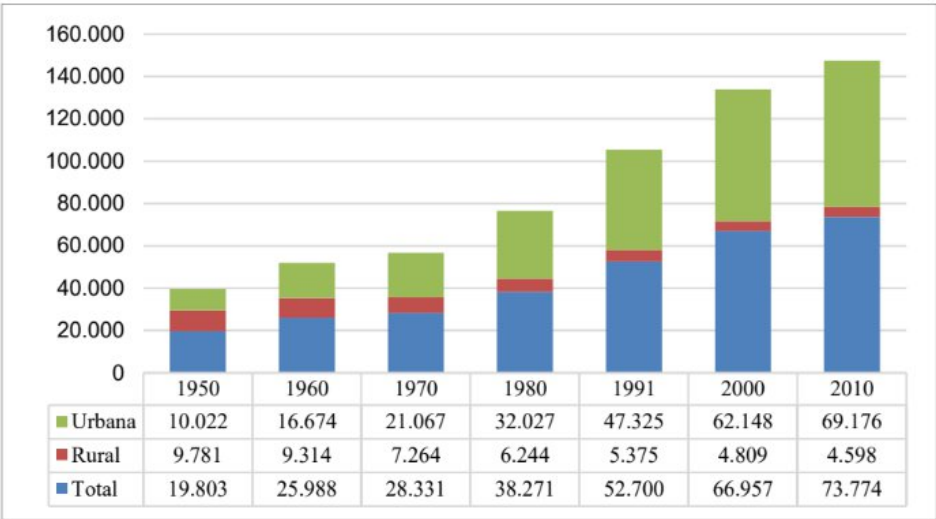
Mapa 1 - Localização geográfica do município de Alfenas - MG.



Fonte: Costa (2023, p. 18).

Houve, entre 1950 e 2010, o grande crescimento da população total e urbana. Já a população rural diminuiu, sendo apenas 35,8% do total. Após a chegada das águas de Furnas, a partir da década de 1970, o êxodo rural aumenta e a população rural diminui mais a cada década, indo de 25,6% (1970) para 6,2% (2010), conforme observa-se no gráfico 1. Acrescenta-se que os dados do último censo demográfico, a população total aumentou para 78.970 pessoas e manteve-se o crescimento urbano, com 74.923 pessoas (95%) e a diminuição do rural, com 4.047 pessoas (5%) (IBGE, 2022).

Gráfico 1 – População total, urbana e rural do município de Alfenas-MG.



Fonte: Censo Demográfico IBGE (1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000, 2010). Elaborado por Tamyris Maria Moreira da Costa (2023, p.46).

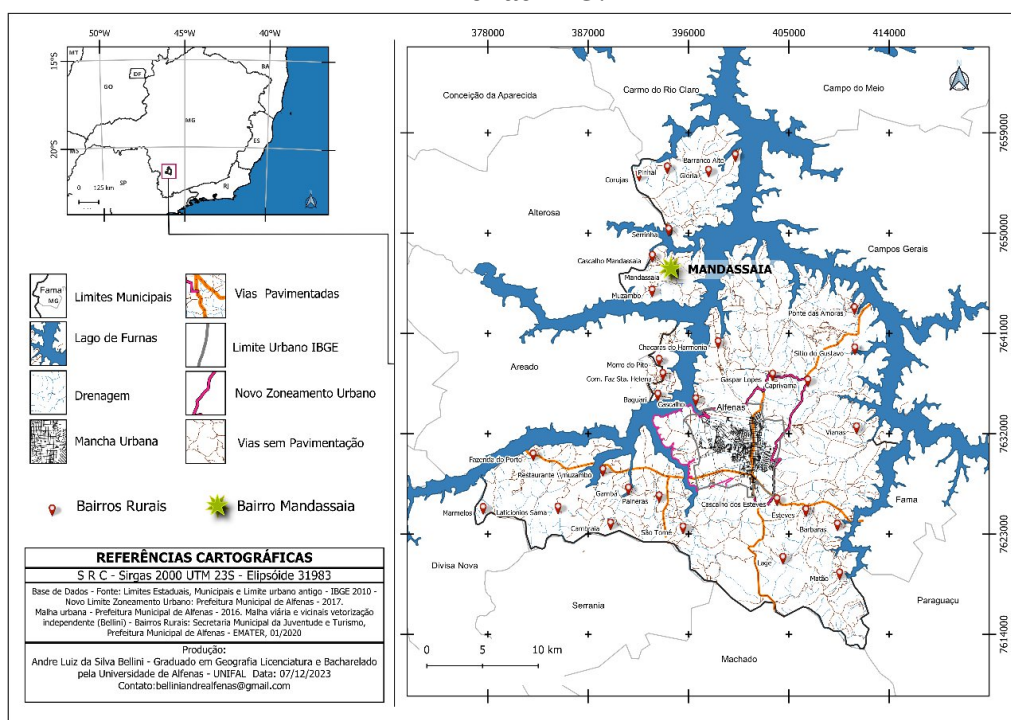
Sobre a usina hidrelétrica de Furnas, sua construção no Sul de Minas, ocorreu em meados do final da década de 1950, dentro do contexto dos trinta e um objetivos a serem atingidos do Plano de Metas, apresentado pelo governo de Juscelino Kubitschek. Como consequência, originou um reservatório que abrange um espaço de 1.440 km², com uma bacia de drenagem de 54.464 km², alcançando 34 municípios da região (Lemos Júnior, 2010), dentre eles, o de Alfenas. Nele, as áreas da zona rural foram as mais atingidas, contribuindo para o êxodo rural do moradores dessas localidades.

Segundo Vieira (2009), aproximadamente 35 mil pessoas seriam obrigadas a deixar suas terras, mais de 70 mil alqueires de terra seriam alagados,

e mais de 30 municípios seriam atingidos. Passada a inundação a plantação tornou-se em maior parte de café. O autor relata que, quando as famílias começaram a ser retiradas de suas propriedades, o descontentamento era nítido, as pessoas sem empregos deixavam suas terras. Por conta disso, os moradores de Alfenas, Campo Belo, Carmo do Rio Claro, Guapé e Piumhi entraram com uma “ação cominatória” contra a Central Elétrica de Furnas e os diretores da empresa, para embargar a execução das obras, evitando assim as expropriações dos tais proprietários rurais. Em resposta, Furnas, mudou seu escritório central de Passos para o Rio de Janeiro, abriu novos escritórios na região e mobilizou seus funcionários para promover as desapropriações, de forma amigável. Assim, tanto essa quanto outras tentativas em barrar esse processo foram em vão e as águas terminaram a ocupação do espaço regional, com o início do funcionamento da usina, em 1963 (Vieira, 2009).

Dentre as áreas rurais inundadas no município de Alfenas, está o bairro rural Mandassaia (mapa 2).

Mapa 2- Localização geográfica do bairro rural Mandassaia, no município de Alfenas-MG.



Para analisar a realidade de um bairro rural, é importante resgatar esse conceito que, em algumas regiões do Brasil é como sinônimo comunidades rurais, definido como “um grupo de pessoas que vivem no mesmo lugar rural e têm laços comuns entre si e com sua localização. É o menor grupo social que atende à vida social diária dos habitantes” (Oxford University Press, 1992, p. 199). Nele,

Segundo Lecocq-Müller (1946, p. 42 apud Halley, 2014, p. 579), um dos diferenciais da zona rural, quando comparada com a urbana, é a dispersão da sua população, sendo os bairros rurais formas de aglomeração raras. As residências estão perto o suficiente umas das outras e marcadas pelo que abrange o modo de vida desse meio, como os laços de parentesco e vizinhança. Esse agrupamento residencial facilita a interação social e a cooperação entre os residentes no bairro que, geralmente são ligados pelos laços de parentesco e vizinhança. Nele existem elementos de coesão, sendo a escola, a igreja (principalmente as católicas) e a venda (pequenos estabelecimentos comerciais de produtos diversos) os principais pontos de referência nas áreas de maior concentração, ou seja, nos núcleos. Moreira (2007) acrescenta a essas características, o senso de pertencimento e uma base físico-territorial.

Nesse sentido, o Mandassaia possui tais características para ser considerado um bairro rural. Tem uma escola (Escola Municipal Arlindo Silveira), uma capela (Nossa Senhora Aparecida) e um Centro Comunitário Antônio Augusto Nogueira, onde está a sediada a Associação de Produtores Rurais de Mandassaia e fica o consultório utilizado para o atendimento médico mensal, além servir de espaço para festas e reuniões da comunidade. Além disso, os laços de parentesco e sociabilidade também estão presente no bairro (Vitor e Vale, 2025).

Por estar situado às margens do Lago de Furnas, conforme já mencionado, esse bairro rural encontra-se isolado fisicamente em relação à sede do município. Na explicação de Vitor e Vale (2025, p. 130-131),

[...] o bairro Mandassaia localiza-se em uma área de difícil acesso, a aproximadamente 25 km do centro urbano, sendo necessária a utilização de uma balsa para a travessia do Lago de Furnas. Essa condição geográfica contribuiu para um relativo isolamento em relação à sede municipal de Alfenas; contudo, favorece a relação campo-cidade

estabelecida com o município vizinho de Alterosa, ao qual se conecta por estrada de terra, fortalecendo os vínculos sociais e econômicos com esse território [...]

No entanto, vale ressaltar que, o meio de locomoção dos moradores do Mandassaia pelo lago, não ocorreu imediatamente após a inundação, de acordo com a fala de um morador do bairro: “Quando inundou, não tinha balsa não. A condução era a pé, de cavalo ou se atravessava de canoa”. As balsas foram oferecidas para os residentes dos bairros afetados, apenas seis anos depois (Costa, 2016, p.32). Além disso, apesar da construção da hidrelétrica ter como objetivo a geração de eletricidade, sobretudo para o Sudeste, os moradores do bairro demoraram cerca de, pelo menos 20 anos, para chegar ao bairro. No entanto, atualmente, essa é considerada uma das maiores melhorias no bairro, juntamente com a ampliação da infraestrutura da associação de moradores, a implementação do atendimento médico e a contratação de uma nova balsa, uma vez que a antiga sempre apresentava problemas, como ocorreu em 2024, quando ficou 30 dias sem funcionar, prejudicando o deslocamento da população e da produção agrícola do bairro (EPTV2, 2024). Ademais, também foi instalada no bairro uma torre telefônica, pertencente à operadora Vivo, permitindo a utilização da internet e a comunicação dos moradores via aplicativo de mensagens.

Entretanto, faz-se necessário mencionar também as mudanças na base produtiva do bairro, quando as águas cobriram as terras férteis de várzea, onde se produzia, sobretudo o arroz, principal atividade, geradora de renda para essas famílias. Muitas famílias que moravam nos bairros rurais não foram capazes de persistir sem o exercício desta atividade agrícola e venderam suas propriedades, sobretudo para os fazendeiros locais (Costa, 2016). Aqueles que permaneceram no bairro passaram a se dedicar à cafeicultura, cada vez mais em moldes modernos e com custos elevados, considerando que são agricultores familiares, inseridos no agronegócio de uma das principais *commodities* brasileira (Vale, 2018).

Além disso, mais recentemente, observa-se no bairro introdução tímida do cultivo da soja, substituindo antigas áreas produtoras de café e a expansão de moradias de veraneio (segunda residência), a partir de loteamentos às

margens do Lago de Furnas, com empreendimento de imobiliárias de Alfenas. Apesar dessas transformações, o Mandassaia ainda preserva elementos que reafirmam sua identidade e sua função como bairro rural. As influências urbanas, a expansão do agronegócio e outros processos ligados às dinâmicas socioespaciais do capitalismo não fizeram dele um espaço mais ou menos rural; apenas transformaram suas formas de organização e convivência. O bairro continua sendo um território de resistência, onde a cultura, a memória e os modos de vida tradicionais permanecem vivos, embora reorganizados em novas condições (Vitor e Vale, 2026).

Buscando responder a questão “Mandassaia: um bairro rural masculinizado e envelhecido?”, essa pesquisa mostrou que, pelo menos por meio das visitas realizadas *in locu* e das entrevistas realizadas com as mulheres, que o bairro está em um processo de masculinização e de envelhecimento de sua população, com forte presença de aposentados. E o urbano torna-se cada dia mais atrativo para as novas gerações. Os principais motivos do êxodo rural são o isolamento do bairro, as relações de poder e subordinação entre os gêneros, o desejo por uma educação formal, por parte das mulheres, principalmente, e a busca por oportunidades nas atividades urbanas.

O êxodo rural das mulheres jovens do Mandassaia

A partir das entrevistas realizadas com as mulheres que migram quando jovens do Mandassaia para a sede do município, ficou clara a presença das relações de poder nessas famílias, por meio da divisão sexual do trabalho. As mulheres desde cedo vêm sendo sobrecarregadas com tarefas tanto dentro de casa, ajudando a mãe, quanto fora, nas plantações e colheitas, enquanto os rapazes, na maioria das vezes mantêm-se apenas no exercício da agricultura. Há uma constante desvalorização do trabalho dessas moças. Portanto, como discutido anteriormente, tem-se a questão de que só se é considerado trabalho se no final do dia render algum lucro para a família, então, as atividades domésticas se configurariam apenas como uma ajuda. Em outras palavras, trabalho reprodutivo.

É possível observar que, o caminho seguido por muitas mulheres do bairro é se mudar para a cidade, para estudar e conseguir maiores níveis de escolaridade, tentando buscar sua independência financeira, com um trabalho que não seja tão pesado quanto o agrícola, além de serem capazes de sair da relação de subordinação com os próprios pais. Os rapazes costumam encontrar mais vantagens na atividade agrícola e permanecem no Mandassaia, trabalhando com a família.

Como já mencionado anteriormente, quando há a exclusão das mulheres na sucessão de herança da terra, esse se torna um dos principais motivos que as desvinculam da propriedade. Entretanto, por meio dos resultados das entrevistas, nota-se que, mesmo as mulheres que são contempladas com uma parte da terra familiar, nem sempre veem vantagem em continuar ali e decidem viver na cidade, sem desejar o retornar ao Mandassaia, futuramente.

Essas mulheres tinham desde os 25 e 72 anos de idade, na época das entrevistas. Todas vivem na zona urbana atualmente, algumas casadas e outras divorciadas. Uma delas realmente nasceu, na residência da família no bairro e não nos hospitais próximos, em Alfenas ou Alterosa, como comumente acontece. Nasceu em casa, com a ajuda de uma parteira por falta de tempo para o longo deslocamento até o hospital.

Todas as entrevistadas estudaram na escola do bairro, a Escola Municipal Arlindo Silveira, nos anos iniciais do Ensino Fundamental (1ª a 4ª série). Entretanto, quando frequentaram a instituição ela se localizava em outro ponto do bairro, com uma estrutura bem precária quando comparada com a atual. Da mesma forma como ocorre atualmente (2026), o ensino ofertado é multisseriado¹. Elas relataram também que após o término do Ensino Fundamental, as crianças não tinham muita perspectiva para continuar os estudos, na época, sobretudo, devido à falta de meios de transporte disponíveis para que elas pudessem se locomover até as escolas da cidade. Conforme o relato da Migrante 5, tal situação fez com que ela só conseguisse retornar aos estudos e

¹ O conceito de multisseriação ou *multigrade teaching* é entendido como o ensino a estudantes de diferentes idades/graus/habilidades num mesmo grupo, em contraposição ao ensino monograduado, no qual estudantes possuem idades e habilidades similares, sendo denominado de “*multi age-within-grade teaching*” (Little, 1995 apud Parente, 2014, p. 63).

finalizar o ensino médio aos 34 anos. A Migrante 1 explicou como funcionava a antiga escola.

[...] É, tinha uma escolinha no bairro que era multisseriada, né? Então, na época não era ano, era chamado de série, a organização do ensino fundamental, então tinha séries iniciais do ensino fundamental. Todas elas no mesmo turno, que era o turno da manhã, e todas elas na mesma sala com uma única professora. Foi uma época muito difícil porque a escola ficava num lugar que não era muito propício para água, não tinha, assim, uma tecnologia para fazer um poço artesiano, enfim, não tinha água na escola. Então, a gente bebia a água que a gente levava e, às vezes, a gente buscava até no horário da aula mesmo a água até pra professora mesmo, com a ajuda dos alunos, fazer uma sopa, de mingau, de farinha, quando tinha alguma coisa pra fazer (*para se alimentarem*). Então, assim, era muito precário mesmo. Depois com o tempo, isso foi melhorando. Eu estudei da primeira série até a quarta série nessa escola (*Escola Municipal Arlindo Silveira*). Continua existindo uma escola com esse nome na zona rural mas é em outro lugar, uma outra estrutura bem diferente, né. Eu entrei na escola, assim, meio ano atrasada, vamos dizer assim. Eu completei 7 anos e aí eu fui entrar na escola só 6 meses depois, né, com 7 anos e meio. Então, assim, não fiz pré-escola, nem nada do tipo, fui direto para a primeira série. Tem um caso curioso sobre isso, que a minha irmã, ela é dois anos mais velha do que eu, 1 ano e 9 meses mais ou menos, e ela já estudava. Então, ela é professora hoje. Sempre gostou muito de ser professora. E ela chegava em casa e me dava aula do que tinha aprendido. Então, ela tinha uma porta, assim, de madeira, e ela usava uns pedacinhos de giz que a professora dava pra ela. Então, chegava em casa e ia me ensinar tudo que tinha aprendido na escola. Então quando eu cheguei na escola, né, ingressei regularmente com 7 anos e meio, eu já sabia ler e escrever porque minha irmã já tinha me ensinado, né. Então, era muito interessante que tinha as outras crianças que também tavam ingressando na primeira série junto comigo, né, e era engraçado porque a professora começava ensinando coordenação motora e tal, então naquela época fazia novelinho, serra-serra e aquelas atividades da época para estimular a coordenação motora e eu achava aquilo um tédio, né? E eu ia lendo o que o pessoal das outras séries tavam fazendo. A professora dividiu o quadro, né, em quatro partes e aí, a minha parte tava lá, mas eu queria fazer dos outros, né, porque eu já sabia ler e escrever. Mas, assim, foi bem tranquilo, assim, né, nunca houve nenhum movimento da professora ou da coordenação de acelerar pra que eu fosse pra outra série seguinte, né? Mas, assim, a gente nem sabia dessa possibilidade na época, né, nem minha família. E a gente seguiu em frente e eu consegui, assim, né, tirei o quarto ano e aí acabou por ali, né, porque não tinha outra escola, não tinha transporte que trazia pra cidade, então a princípio isso era o que todo mundo fazia, né. As meninas da época estudavam, os meninos também estudavam até a quarta série e pronto, acabou (Migrante 1).

Quando perguntadas sobre os irmãos e as diferenças de criação entre rapazes e moças, foi citada a existência de uma divisão sexual do trabalho. As mulheres se dividiram entre o trabalho doméstico e a agricultura, enquanto os homens se ocupavam com a agricultura, porém não faziam nenhum trabalho dentro de casa.

De acordo com a Migrante 1, o machismo é muito presente na cultura rural, principalmente naquela época. Já a Migrante 2, a mais nova entre as entrevistadas, sentiu que a criação não foi diferente entre moças e rapazes, indicando, talvez, uma evolução nesse aspecto com o passar dos anos. Teoria reforçada pelas palavras da Migrante 3, que acredita que antigamente a criação era diferente, mas hoje em dia não é mais. Entretanto, a maioria das mulheres sentiram sim essa diferença em suas experiências.

A maioria das entrevistadas, quando ainda estavam no bairro Mandassaia, viviam na pequena propriedade que pertencia à família, com produção voltada, principalmente, para a subsistência, e quando sobrava era vendido. Dentre os depoimentos, foi possível descobrir que apenas alguns filhos rapazes optaram por continuar no bairro e as moças migraram para a cidade, mesmo aquelas que herdaram parte da propriedade dos pais.

A propriedade é da minha família. Uma pequena propriedade, né, acho que em torno daí de 5, aí depois com umas heranças que minha mãe recebeu, uns 7 alqueires, né. Então, assim, muito pra produzir pra comer mesmo. De uns tempos pra cá que essa produção começou a ser maior um pouco, mas naquela época não. A gente plantava pra colher, pra comer, sobrava muito pouco pra vender, né? Essa propriedade ainda existe, a minha mãe faleceu há pouco tempo, ela viveu lá até a sua morte, meu pai continua lá, é, meus irmãos homens estão todos lá, então eles, é, compraram mais terras, alguns estão na propriedade ainda do meu pai, e estão por lá e formaram a vida deles lá. E eu e minhas duas irmãs estamos na cidade, né, uma delas se casou com um rapaz de lá, então, assim, ela fica na cidade durante a semana mas vai pra lá todo final de semana e eu e minha irmã, a gente vai somente passear. Com a morte da minha mãe, a gente acabou herdando, né, uma parte proporcional igual dos meus irmãos, mas, assim, como é pouca terra, então, essa parte que a gente herdou e que meu pai também tá fazendo doação da parte dele pros filhos é mais assim: a gente não vai produzir, né, então, a gente tem direito a herança, tá lá, mas, assim, a gente vai usar mais como lazer (Migrante 1).

Quando questionadas se sentiam-se valorizadas pelo trabalho que exerciam na época, as respostas ficaram divididas. Algumas sentiam que sim: “Bom, acredito que sim, né. Mesmo, porque eu ajudava no sustento da família, até dos mais novos, né. Então, acredito que era valorizado sim.” (Migrante 1). Outras sentiam que não. “Não, nunca estava bom. Fazia porque era obrigada. Tempos difíceis!” (Migrante 5). Também teve o caso das migrantes 2 e 6 que, diferentes das demais, não precisaram trabalhar durante a infância.

As entrevistadas tiveram, em sua maioria, uma infância e juventude com a rotina dividida entre estudos e trabalho. De acordo com a Migrante 1, a época mais tranquila era entressafra do café, pois o trabalho era reduzido, uma vez que o trabalho era mais intenso, durante a colheita – ou a “panha”, como é mais conhecida na região. Ela explicou que dia começava cedo, pois tinham que se apressar para conseguir pegar o transporte para a escola, depois que ele passou a existir para levar os alunos do bairro para estudar na sede do município, apesar da resistência do pai para que ela e a irmã dessem prosseguimento aos estudos, mas apoiadas pela mãe. Considerando que essa mulher tinha 45 anos, quando concedeu a entrevista, ela está se referendo à década de 1980, quando era criança.

De maneira sintetizada, os pontos positivos de morar no Mandassaia, apontadas pelas entrevistadas, eram: morar numa comunidade rural, sossego do campo, tranquilidade, contato com a natureza, fartura de alimentos naturais e ar puro. E os pontos negativos seriam as dificuldades de acesso a serviços básicos como saúde, o isolamento da comunidade e um lazer muito limitado. Tudo isso aparece nos relatos a seguir:

Positivo é o de morar numa comunidade rural, sossego do campo, tranquilidade, né? Muito contato com a natureza. É, mas, assim, principalmente, na época que eu passei minha infância e adolescência na comunidade. É, tinham as questões difíceis, e uma delas era a questão do trabalho, que pra gente contribuir na renda familiar, embora, era uma época completamente diferente de agora, que eu acho que na época que eu trabalhei lá enquanto criança, enquanto adolescente. Acho que os adolescentes e as crianças de lá hoje não trabalham, né? Então, assim, tem uma questão de época envolvida também. [...] Outro ponto negativo era a questão da locomoção, né? Então, estradas muito ruins, as condições financeiras também. A gente não tinha carro, ir até a cidade era muito complicado (Migrante 1).

Positivos: ar puro, contato com a natureza, simplicidade, fartura, pois ganhávamos muita coisa dos vizinhos agricultores e na nossa casa tinha pomar e horta, além de ter a “ilha” que naquela época (2005/2010) tinha muita banana. Negativos: tudo muito longe, a escola é só até o quinto ano, dias de chuva com muito barro, o transporte escolar ficava muito difícil em algumas regiões. Me lembro do meu pai indo buscar eu e meus irmãos e, às vezes, alguns amigos da escola de trator e quando ele não podia ir buscar a gente, íamos a pé e, se não me engano, a escola ficava há uns 5km da nossa casa. Todo mundo sabia da vida de todo mundo pela região ser muito pequena. em dias de passar veneno nos pés de café meu irmão mais novo sofria demais com a bronquite. Ficávamos muito doentes porque não tinha água tratada. Havia uma bomba que puxava a água do poço pra nossa casa. E quando essa bomba parava era o caos. O pai tinha que descobrir o que estava quebrado e como consertar e os canos da bomba, às vezes, estouravam também. O pai tinha que procurar em qual altura o cano estava com problemas. Na roça, naquela época, não tinha muita segurança, por mais que as

porteiras fossem fechadas, à noite era muito fácil de algum ladrão invadir a propriedade. Então, eu cresci com muito medo de acontecer alguma coisa. Quando o pai ia com a mãe consertar a bomba de água e eu e meus irmãos ficávamos sozinhos era horrível. Um medo deles morrerem ou alguém invadir nossa casa, sei lá. Parece bobo mas pra uma criança o medo fica 10000% mais intenso. (Migrante 2).

Ponto positivo na época não tinha. Muitos desafios, a estrada não tinha condições de trafegar. A professora faltava muito porque era da cidade e a balsa tinha dia que não fazia travessia. Sobre saúde era muito complicado levar as crianças até o médico, não tinha transporte nenhum. Hoje tem pontos positivos: energia elétrica, asfalto até a balsa, duas balsas para fazer travessia rápido, médico na porta, transporte para saúde. Escola no bairro com transporte, internet. Os pequenos produtores compraram seu pedaço de terra e hoje não dependem de trabalhar pros outros e nem em fazenda. (Migrante 5).

Pontos positivos eram uma vida saudável, longe de poluição, a tranquilidade, sem ruídos sonoros, a afetividade entre as famílias da comunidade. Quais eram os principais desafios? A dificuldade de acesso à escola pras crianças e adolescentes que iam à escola e voltavam ao bairro a pé. Ensino médio eles precisam sair de seu local até a cidade para estudar e muitas vezes alguns desistem de concluir o Ensino Médio por conta dessa dificuldade. (Migrante 6).

Sobre os motivos que as fizeram deixar o bairro, todas responderam algo relacionado aos estudos ou ao trabalho. “Nós fomos embora porque a escola era só até o quinto ano. E pra vir pra cidade tínhamos que acordar muito cedo, pegar o transporte escolar, atravessar de balsa até Alfenas, não era viável. Imagina em dias de chuva ? Impossível.” (Migrante 2).

Apesar de terem a opção de trabalhar no campo, havia o desejo de conquistar, através dos estudos, um emprego que não tivesse uma carga tão pesada e sofrida. Algumas das mulheres, inicialmente, ao se mudarem para a cidade, trabalharam como empregadas domésticas ou babás.

Todas acreditam que ter migrado para a cidade teve um impacto positivo em suas carreiras. “Na cidade você tem mais opções de áreas para trabalhar e na roça você não tem muita opção.” (Migrante 3). Segundo a Migrante 2, se ela ainda estivesse no campo, provavelmente, estaria colhendo café ou estaria casada com algum agricultor, sendo dona de casa. Todavia, conforme já visto a Migrante 1 entende que hoje em dia as pessoas conseguem oportunidades de estudo e trabalho sem precisar migrar para a cidade permanentemente.

Entretanto, nem todas tiveram suas expectativas alcançadas, mas afirmaram que, apesar disso, estão felizes vivendo na cidade. A Migrante 4, por exemplo, teve que desistir dos estudos para cuidar da família que construiu. “As

expectativas eram bastante, mas ficou pelo caminho porque eu não consegui concluir uma faculdade e arrumei um marido, arrumei filho e tive que cuidar dos filhos e parar de estudar”. No caso da Migrante 6, em seu relato, disse que não foi possível seguir a profissão que não era a dos seus sonhos. “As expectativas eram muitas, porém, com pouco recurso financeiro e falta de incentivo familiar eu desviei do sonho e fui pra outra profissão”.

É possível observar que o caminho seguido por muitas mulheres do bairro foi o de se mudar para a cidade para estudar e conseguir maiores níveis de escolaridade para atingirem a independência econômica, dedicando-se a um trabalho que não fosse tão pesado quanto o agrícola, além de serem capazes de sair da relação de subordinação com os próprios pais. Os rapazes costumam encontrar mais vantagens no trabalho do campo e permanecem no Mandassaia.

Essa situação talvez possa ser explicada pela desigualdade de gênero presente na agricultura familiar. Segundo Nobre (1998), essa desigualdade tem origem na criação dos filhos, isto é, nas diferentes formas como meninos e meninas se desenvolvem na propriedade rural. Até os 5 anos de idade, ambos são criados de maneira semelhante. A partir desse período, porém, as meninas passam a acompanhar as mães e a aprender os afazeres domésticos, enquanto os meninos seguem os pais, aprendem o trabalho na roça e participam de brincadeiras com outros meninos durante o tempo livre, que costuma ser bem maior do que o das meninas. Ao se tornarem rapazes, eles também têm mais liberdade para sair, ao passo que as moças permanecem mais tempo com a família, não apenas por causa do trabalho, mas também para evitar o risco de “cair na vida”. Além disso, a aprendizagem de atividades atribuídas a “campos opostos” por homens e mulheres tende a assumir caráter complementar ou circunstancial, voltado à substituição em situações de ausência, sem implicar redistribuição efetiva das tarefas, do poder ou do reconhecimento social entre os gêneros (Nobre, 1998).

Diante disso, para os rapazes torna-se natural que assumam o controle da propriedade familiar, enquanto as moças veem na migração para a cidade, uma forma de não repetir a vida de suas mães.

Alia-se à isso o fato de que, como já mencionado anteriormente, quando há a exclusão das mulheres na sucessão de herança da terra, esse se torna um dos principais motivos que as desvinculam da propriedade. Entretanto, por meio dos resultados das entrevistas, nota-se que, mesmo as mulheres que são contempladas com uma parte da terra familiar, nem sempre veem vantagem em continuar ali e decidem viver no urbano, sem um grande desejo de retornar para o Mandassaia um dia.

Portanto, pode-se afirmar, pelo menos por meio das visitas realizadas *in locu* e dessas entrevistas, que o bairro rural Mandassaia está em um processo de masculinização e de envelhecimento de sua população. E o urbano torna-se cada dia mais atrativo para as novas gerações. Os principais motivos do êxodo rural são o isolamento do bairro, as relações de poder e subordinação entre os gêneros, o desejo por uma educação formal, por parte das mulheres principalmente e a busca por oportunidades nas atividades terciárias urbanas.

Uma das entrevistadas vê o futuro do bairro com muita positividade, acha que ele melhorou muito nos últimos anos, com uma infraestrutura parecida com a cidade em termos de necessidades básicas, como alimentação. O avanço da tecnologia fez com que conseguissem produzir muito mais em uma pequena propriedade. E que as crianças e jovens dessa nova geração não vão enfrentar as mesmas dificuldades enfrentadas por ela em sua época. Acredita que eles podem ter uma boa perspectiva de vida sem precisar ir para a cidade. Entretanto, o isolamento continua sendo um problema. Por isso, a situação para seus irmãos e sobrinhos que continuam vivendo no bairro está muito boa, atualmente (Migrante 1).

[...] Tanto é que eu vejo hoje meus sobrinhos não fazendo mais, necessariamente, o caminho que eu fiz, né, Mesmo alguns trabalhando na cidade. Mas eles mantêm esse vínculo na roça, de morar na roça mesmo, alguns deles, né, de exercer sua profissão morando na roça ou de produzir nessa terra, né, a ponto de ter uma perspectiva boa de vida sem precisar ir pra cidade. Meus irmãos mais novos mesmo, eu até brinco, assim com eles, eu estudei e eles são muito mais ricos que eu. Eu brinco com eles porque, embora eu tenha um bom emprego, eu tenha um bom trabalho, né, eles compraram terra, tão produzindo, produzindo café que tá um preço maravilhoso, né? Então, assim, eles têm muitos bens. Então, assim, se na minha época sair da comunidade era uma chance de ter uma vida melhor, hoje eu entendo que quem está lá pode ter uma perspectiva de vida boa continuando na comunidade. (Migrante 1).

A referida entrevistada está se referindo ao fato de que os irmãos mais novos que permaneceram na propriedade familiar, produzindo café, estão em uma situação econômica melhor porque, embora a agricultura familiar enfrente problemas por estarem inseridos no agronegócio do café, esse produto tem obtido um preço elevado, que foi o caso da safra 2025/26, quando a saca de 60 kg, foi vendida em Minas Gerais por aproximadamente R\$ 2.100,00².

Todavia, nem todas as mulheres entrevistada têm o mesmo otimismo. A Migrante 2, por exemplo, acha que talvez a tecnologia e a modernidade ajudem os moradores a ter mais conforto e autonomia, mas que não vai mudar muito. A Migrante 3 também acredita que não há muito mais a ser mudado.

Acho que não tem muita coisa pra mudar não, já melhorou bastante do que era antigamente e, hoje em dia, não vejo muitas mudanças porque já chegou numa fase que não tem nada que precisa ser mudado. Na minha opinião, a roça hoje todo mundo tem água encanada, carro na garagem, casa boa, transporte escolar para pegar os alunos em casa e levar até a escola, postinho de saúde etc. Acho que quem mora na roça hoje vive bem igual quem vive na cidade ou até melhor. (Migrante 3).

De acordo com a Migrante 5, a tendência é que continuem saindo do bairro, tanto os mais jovens quanto os mais velhos. Ela acredita que a agricultura não é atraente para a juventude, por ser um trabalho pesado. “Acredito que os mais velhos vão embora e a população jovem não fica pra trabalhar como pequeno produtor. Aí os grandes fazendeiros vão comprar e vai ficar só os grandes com as tecnologias avançadas, tipo, Grupo Itapuã³, Monte Alegre⁴. A população jovem não quer trabalhar duro”. Da mesma opinião compartilha a Migrante 6, que acredita que a população vai diminuir e o bairro perderá sua originalidade. Os pequenos produtores seguirão vendendo suas terras para os grandes produtores, com os maquinários substituindo a mão de obra braçal. Pensa que os moradores estão indo para a cidade em busca de uma vida melhor, diferente da zona rural. Dessa forma, essas duas entrevistadas compreendem a questão do êxodo rural como um problema do Mandassaia.

² <https://portalagrofamiliardobrasil.com.br/novos-precos-minimos-do-cafe-para-a-safra-2025-26-e-como-eles-afetam-o-produtor-rural/>.

³ Trata-se do grupo empresarial denominado de Itapuan Coffee, que produz e exporta café, 1.600 hectares com café distribuídos pelos municípios mineiros de Alfenas Alterosa e Fama. Em Alfenas, estão situadas as fazendas Icarai e Mandassaia, no bairro rural Mandassaia, e Iara (<https://itapuancoffees.com.br/>)

⁴ Usina Monte Alegre em Monte Belo (MG) é uma unidade produtora de açúcar, etanol e energia, pertencente ao grupo Adecoagro (<https://www.consecana.com.br/industriasd.asp?id=2>).

Apesar de ter passado por diversas transformações ao longo das décadas, já relatadas, o Mandassaia ainda apresenta muitas limitações para a permanência da população jovem e ativa economicamente. Além da necessidade de políticas públicas mais efetivas para a agricultura familiar, a influência da urbanização – sobretudo com a chegada da *internet* nas áreas rurais, como é o caso desse bairro – são fatores que tem contribuído para o êxodo rural desses jovens, embora nem sempre a cidade seja capaz atender aos seus anseios, especialmente no que tange ao emprego formal, com salários altos. Para as moças, a situação é ainda pior, conforme já foi discutido nesse trabalho. -

A pesquisa mostrou que, dessa forma, a sucessão geracional na agricultura familiar do Mandassaia pode estar comprometida, uma vez que está sendo representada pelos filhos homens. Futuramente, poderá se tornar um bairro rural masculinizado e envelhecido.

Considerações Finais

A partir das entrevistas realizadas, constatou-se a existência de uma divisão sexual do trabalho recorrente nas dinâmicas da agricultura familiar no bairro rural Mandassaia. As mulheres vivenciavam a dupla jornada de trabalho, ao acumularem as atividades domésticas e agrícolas. Nos relatos das entrevistadas mais jovens, observa-se uma aparente tendência à maior equidade na distribuição das obrigações entre rapazes e moças. Contudo, independentemente do período considerado, as mulheres entrevistadas optaram por deixar o bairro em busca de oportunidades de estudo e trabalho na cidade, inclusive aquelas que haviam herdado parte da propriedade familiar.

Em síntese, apesar de manterem uma relação de nostalgia com o bairro, as mulheres não pretendem retornar a morar nele, visto que têm uma vida construída na cidade, tanto no aspecto pessoal, quanto profissional. Conforme o relato delas, bairro passou por muitas melhorias com o tempo, porém, isso não têm diminuído o processo de êxodo rural por parte dos jovens, sobretudo aqueles que buscam a complementação dos estudos, deixando a agricultura a cargos pais ou irmão que pretendam permanecer na comunidade. Inclusive, a proximidade com a sede do município de Alterosa tem contribuído para que a prefeitura desse

forneça transporte gratuito para que as crianças do Mandassaia deixem de frequentar a escola do bairro e passem a ser alunos das escolas públicas daquela cidade. Com isso, podem estar afastando os futuros jovens do campo e o aproximando dos “encantos” da vida urbana, sobretudo porque lá encontrarão formas de lazer inexistentes no bairro.

Por outro lado, o trabalho agrícola deixa de ser atrativo para esses jovens, que poderão buscar outra profissão longe do campo. Quanto às moças, alia-se a isso o fato de não se sentirem valorizadas, apenas repetindo o ciclo de suas mães, certamente, seguirão o caminho das mulheres entrevistadas nessa pesquisa. Dessa forma, a sucessão geracional no Mandassaia estará completamente comprometida. Mas isso, apenas o futuro confirmará.

Referências

ATLAS DAS JUVENTUDES. **Atlas das Juventudes: evidências para a transformação das juventudes.** São Paulo: Em Movimento; Instituto Arapyaú, 2021. Disponível em: <https://atlasdasjuventudes.com.br/>. Acesso em: 13 set. 2026.

BRUMER, Anita; ANJOS, Gabriele dos. **Gênero e reprodução social na agricultura familiar.** Revista NERA, n. 12: Presidente Prudente, 2008. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1396>. Acesso em: 13 set. 2026.

CARNEIRO, Maria José. **Camponeses, agricultores e pluriatividade.** Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 1998, 228p. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/download/142/138/315>. Acesso em: 13 set. 2026.

COSTA. T. M. M. **Cafeicultura e transformações socioespaciais no município de Alfenas-MG pós-inundação pelo Lago de Furnas.** 2023. 154 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, 2023. Disponível em: https://www.unifal-mg.edu.br/ppgeo/wp-content/uploads/sites/79/2023/06/TAMYRISMARIAMOREIRADACOSTA_Dissertacao_2023-1.pdf. Acesso em: 13 set. 2026.

COSTA. T. M. M. **Agricultura Familiar e Pluriatividade no Bairro Rural Mandassaia – Alfenas-MG.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia). Instituto de Ciências da Natureza. Universidade Federal de Alfenas, 2016. Disponível em: [Tamyris_Costa.pdf \(Unifal-mg.edu.br\)](#). Acesso em: 13 set. 2026.

FERREIRA, B.; ALVES, F. Juventude rural: alguns impasses e sua importância



para a agricultura familiar. In: CASTRO, J.A.; AQUINO, M.L.C.; ANDRADE, C.C. (Org.). **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: Ipea, 2009. p. 245-258. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/entities/book/a4432bcd-028c-4c22-a090-0e3c2aab473d>. Acesso em: 13 set. 2026.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2022**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/alfenas.html>. Acesso em: 13 set. 2026.

HALLEY, B. M. Bairro rural-bairro urbano: uma revisão conceitual. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo, Brasil, v. 18, n. 3, p. 577–593, 2014. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2014.82793. Disponível em: https://revistas.usp.br/geousp/pt_BR/article/view/82793. Acesso em: 13 set. 2026.

LECOCQ-MÜLLER, N. Bairros rurais do município de Piracicaba. **Boletim Paulista de Geografia**, [S. l.], n. 43, p. 83–130, 2017. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/1187/1032>. Acesso em: 13 set. 2026.

LEMOIS JÚNIOR, C. B. **A implantação da usina hidrelétrica de Furnas (MG) e suas repercussões**: Estudo sobre a Territorialização de Políticas Públicas. 2010. 129f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, SP. Disponível em: https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UNICAMP-30_d62985f5be19217bfof15ac20d75b6419. Acesso em: 13 set. 2026.

LISBOA, T. K. Gênero e migrações - Trajetórias globais, trajetórias locais de trabalhadoras domésticas. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, vol. 14, núm. 26- 27, 2006, p. 151- 166. Disponível em: <https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/39>. Acesso em: 13 set. 2026.

MOREIRA, Erika Vanessa. **As múltiplas fontes de renda e a pluriatividade nos bairros Aeroporto, Cedro, Córrego da Onça, Ponte Alta e Gramado no município de Presidente Prudente-SP**. 2007. 265 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2007. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/handle/11449/96750>. Acesso em: 13 set. 2026.

NERI, M.; HECKSHER, M. **Jovens**: Projeções Populacionais. Rio de Janeiro, RJ: FGV Social, Junho/2021, 37 p. Parte integrante do Projeto Atlas das Juventudes. Disponível em: <https://cps.fgv.br/pesquisas/jovens-projecoes-populacionais-percepcoes-e-politicas-publicas>. Acesso em: 13 set. 2026.

NOBRE, M. **Relações de Gênero e Agricultura Familiar**. In: NOBRE, Miriam; SILIPRANDI, Emma; QUINTELA, S.; MENASCHE, R. (Org.). **Gênero e Agricultura Familiar**. São Paulo: SOF, 1998. Disponível em: <http://www.enfoc.org.br/system/arquivos/documentos/11/f1207relaes-de-genero-e-agricultura-familiar---miriam-nobre.pdf>. Acesso em: 08 set. 2026.

OXFORD UNIVERSITY PRESS. **Concise Oxford Dictionary of Human Geography**. Editado por Susan Mayhew and Anne Penny. Oxford; Nova York: Oxford University Press, 1992. 247 p. Disponível em: <https://archive.org/details/conciseoxforddic000omayh>. Acesso em: 13 set. 2026.

PARENTE, C. M. D. Escolas Multisseriadas: a experiência internacional e reflexões para o caso brasileiro. Rio de Janeiro: **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**. v.22, n. 82, jan./mar. 2014. p. 57-88. Disponível em scielo.br/j/ensaio/a/DrWKHc9xpY9X9SmwK7K6wZw/?format=pdf. Acesso em: 04 set. 2026.

PAULO, M. A. L. Juventude rural, sexualidade e gênero: uma perspectiva para pensar a identidade. In: SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. (Org.). **Gênero e geração em contextos rurais**. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2010, p. 343-366. Disponível: <https://memov.org/site/livros-e-textos/genero-e-geracao-em-contextos-rurais/>. Acesso em: 13 set. 2026.

SANTOS, A. S. **Um olhar sobre as juventudes rurais: desafios, possibilidades e limitações no município de Porteirinha-MG**. 2017. 104 f. Dissertação (Mestrado Associado em Sociedade, Ambiente e Território) –Universidade Federal de Minas Gerais e Universidade Estadual de Montes Claros, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/items/d632d3c0-e3c3-4ec9-b8d1-5f63320984a3>. Acesso em: 13 set. 2026.

SIQUEIRA, Luiza Helena Schwantz de Siqueira. **As perspectivas de inserção dos jovens rurais na unidade de produção familiar**. Porto Alegre: UFRGS, 2004 (Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Rural). Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/7053>. Acesso em: 13 set. 2026.

VALE, A. R. A agricultura familiar no contexto do agronegócio do café no Sul/Sudoeste de Minas: variações sobre o mesmo tema. In: FERREIRA, M. F. M.; VALE, A. R. (Org.). **Dinâmicas geográficas no Sul de Minas Gerais**. Curitiba: Appris, 2018.

VIEIRA, I. M. **Mandassaia (Naquela época, quando Furnas era o crime do século)**. Alfenas: Ed. UNIFAL-MG, 2018.

VITOR, W. S.; VALE, A. R. A escola rural no bairro Mandassaia no contexto da relação campo-cidade e da expansão do agronegócio: resistência, identidade e pertencimento. **GeoPUC**, 2026. Disponível em: <https://geopuc.emnuvens.com.br/revista/article/view/188/179>. Acesso em: 13 set. 2026.

VITOR, W. S.; VALE, A. R. As escolas nos bairros rurais Mandassaia e Bárbaras do município de Alfenas-MG: entre as dificuldades e a resistência. **Estudos Geográficos**, Rio Claro, v. 23, n. 4, 2025 [1], p. 160-177. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo/article/download/19676/13590/100985>. Acesso em: 13 set. 2026.



WEISHEIMER, N. Sobre a invisibilidade social das juventudes rurais.

Juventude.Br, 2015: Edição Especial para a 3ª Conferência Nacional da Juventude, 2021, p. 93–96. Disponível em:
<https://juventudebr.emnuvens.com.br/juventudebr/article/view/229>. Acesso em: 13 set. 2026.

WEISHEIMER, N. Socialização e projetos de jovens agricultores familiares. In: Maria José Carneiro; Elisa Guaraná de Castro. (Org.). **Juventude rural em perspectiva**. 1ed.Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda., 2007, v. 1, p. 1-311.